

Fernando Pessoa em publicações periódicas brasileiras (1926, 1931, 1935)

Rodrigo Xavier*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Recepção, Publicações Periódicas brasileiras, “Mar Portuguez”, “O avô e o neto”, “Linda florinha”, “D. Diniz” e “Terceiro”.

Resumo

A recepção jornalística de Fernando Pessoa no Brasil se deu majoritariamente após a morte do poeta em 1935. Essa recepção, em especial, raramente apresenta ao público os textos do poeta, caracterizando, especialmente, por ensaios críticos que supõem o conhecimento dos leitores sobre a obra do escritor português. Durante sua vida (1888-1935), a ocorrência de publicações de textos de Pessoa em jornais brasileiros é ainda mais escassa, e ainda demanda um esforço concentrado dos investigadores dada a dificuldade de localização dos acervos que não estão disponíveis em meio digital. Apresentamos aqui a redescoberta de três textos do poeta, publicados ainda durante sua vida, nos jornais cariocas: *Leitura para todos* (1926), *O Tico-tico: Jornal das crianças* (1931) e *Diário de Notícias* (1935).

Keywords

Fernando Pessoa, Reception, Periodic Brazilian Publications, “Portuguese Sea”, “Grandfather and grandson”, “Pretty flower”, “King Diniz”, and “Third one”.

Abstract

Fernando Pessoa’s journalistic reception in Brazil took place mostly after the poet’s death in 1935. This reception in particular rarely presents the poet’s texts to the public, characterized especially by critical essays that assume the readers’ knowledge about the work of the Portuguese writer. During his lifetime (188-1935), publications of Pessoa’s texts in Brazilian newspapers are even scarcer and still demand a concentrated effort from researchers given the difficulty of locating the archive that is not available in digital media. Here we present the rediscovery of three texts by the poet, published during his lifetime, in the Carioca newspapers: *Leitura para todos* (1926), *O Tico-tico: Jornal das crianças* (1931), and *Diário de Notícias* (1935).

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Literaturas Vernáculas, Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros.

Apresentam-se neste contributo os resultados parciais de uma investigação em curso sobre a recepção da obra de Fernando Pessoa no Brasil, iniciada no ano passado, e cujos primeiros contributos foram publicados em artigo “Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa” (XAVIER, 2019). Desta vez, o objeto da pesquisa foi constituído por poemas de Fernando Pessoa publicados em publicações periódicas brasileiras, ainda durante a vida do escritor. Essas composições não estão catalogadas em nenhuma coletânea dedicada a apresentar os textos do poeta publicados em vida, nem na *Fotobibliografia de Fernando Pessoa* (1988), organizada por João Rui de Sousa, nem no volume *Mensagem e poemas publicados em vida* (2018), edição crítica de Luiz Fagundes Duarte, entre outros.

No artigo de 2019 publicado em *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies* acima referido, citam-se notas de publicações brasileiras em que Fernando Pessoa é referido a partir de 1916. Por exemplo, as notas do jornal carioca *Correio da Manhã* de 24 de maio e de 10 de junho de 1916, respetivamente, referentes à publicação dos livros de C.W. Leadbeater (1847-1934) *Clairvoyance* (1889) e *A Textbook of Theosophy* (1912), traduzidos para português por Fernando Pessoa com os títulos de *A Clarividência* (1916) e *Compendio de Theosophia* (1915).

Os textos aqui apresentados fazem parte de um universo de textos que vêm sendo redescobertos recentemente. São eles: “Mar Portuguez”, publicado na revista *Leitura para todos* (1926); “O avô e o neto”, publicado no periódico *O Tico-tico: Jornal das crianças* (1931) e, por último, “D. Diniz” e “Terceiro”, publicados no jornal *Diário de Notícias* (1935), um dos periódicos de maior circulação no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.

1. “Mar Portuguez”

“Mar Portuguez” é o título dado à segunda das três partes de *Mensagem*. Essa Segunda Parte é constituída por 12 poemas em sequência: “O Infante”, “Horizonte”, “Padrão”, “O Morcego”, “Epitaphio de Bartholomeu Dias”, “Ironia”, “Os Descobridores do Occidente”, “Dança dos Titans”, “Ascensão de Vasco da Gama”, “Mar Portuguez”, “A Ultima Nau” e “Prece”. Este conjunto foi publicado pela primeira vez em outubro de 1922, no número 4 da revista *Contemporanea*.

Posteriormente, esses mesmos doze poemas foram publicados no jornal *Revolução*, n.º 383, de 16 junho de 1933, “com uma apresentação de Augusto Ferreira Gomes” (SOUSA, 1988: 92), para só, finalmente, em 1934, onze deles integrarem a segunda parte de *Mensagem*, dado que o poema “Ironia” foi substituído por “Os Colombos” (poema datado pelo próprio Pessoa do dia 2 de abril de 1934). No livro, alguns poemas surgiram com um novo título, como ocorreu, respetivamente, com “Morcego” (1934: “Mostrengo”), “Descobridores do Occidente” (1934: “Occidente”) e “Dança dos Titans” (1934: “Fernão de Magalhães”).

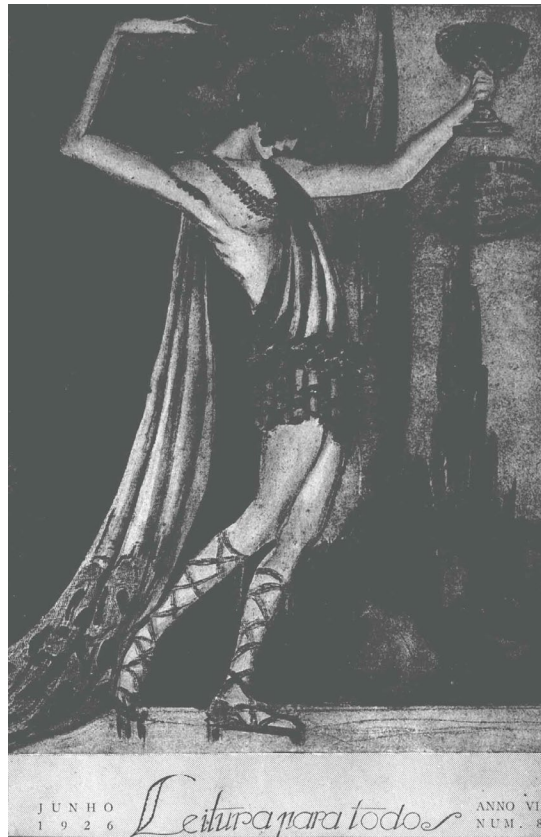
Arnaldo Saraiva já tinha escrito o seguinte no seu livro *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil* (2015): “A popular revista carioca *Leitura para todos* publica no seu n.º 83, de julho, 12 poemas de Fernando Pessoa – o que a crítica pessoana tem ignorado [...]” (SARAIVA, 2015: 8). Um ano mais tarde, em entrevista para a revista brasileira *Gláuks – Revista de Letras e Artes* (2016), menciona novamente a publicação dos poemas de *Mensagem* no Brasil: “Mas temos hoje alguns dados interessantes a acrescentar. Por exemplo: verificámos que numa revista carioca (*Leitura para Todos*) de 1926 foram publicados 12 poemas de Pessoa, e que Cecília Meireles citou versos de Álvaro de Campos numa sua tese de 1929” (SARAIVA, 2016: 339). Saraiva ainda aponta para o desconhecimento de quem teria tido a iniciativa da publicação de 1926, em *Leituras*: “se o seu redator chefe Carlos Magalhães ou algum colaborador lusófilo” (SARAIVA, 2015: 8).

A revista mensal ilustrada *Leitura para todos*, pouco investigada pela crítica de estudos literários em geral, era dirigido pela Sociedade Anônima “O Malho”, situada à Rua do Ouvidor, 164, no centro do Rio de Janeiro, e foi publicada entre os anos de 1905 e 1935. A mesma sociedade anônima dirigia a revista homônima de grande circulação entre os cariocas (*O Malho*) e, entre outras publicações, a revista *O Tico-tico*, revista na qual também encontramos republicado um texto de Pessoa, do qual trataremos mais adiante.

Os poemas de “Mar Portuguez” figuram na edição n.º 83, de junho de 1926, sendo esta, portanto, a segunda publicação da sequência durante a vida de Pessoa, antecedendo mesmo a de 1933, em *Revolução*.

Na tarefa de cotejo entre os poemas, verificou-se a ocorrência de diversas variantes ortográficas entre a publicação portuguesa e a brasileira. Na versão publicada em *Leitura para todos*, há ainda, logo à primeira vista, uma notável dessemelhança com relação a todo o primeiro verso dessa terceira estrofe repetida. Na revista *Contemporanea* lemos: “Fôsse Acaso, ou Vontade, ou Temporal”, enquanto na versão brasileira temos: “Fosse acaso, ou vontade, ou temporal”. Todas as maiúsculas passam a minúsculas, o que afeta semântica e simbolicamente a significação dos vocábulos que compõem o verso.

Segue a transcrição da versão publicada no Brasil. No fim desta secção, apresenta-se uma tabela na qual há a descrição de todas as variantes.



JUNHO 1926 ANNO VIII NUM. 83
Leitura para todos

Junho ◊ LEITURA PARA TODOS ◊ 1926

O TESTAMENTO DE UM MILLIONARIO NA ANAGUA DE UMA MOÇA

A America é a terra das originalidades. Ali tudo é permitido e facilitado. A extravagante maneira que o millionario Hazeltine usou para legar \$10.000 dollars á sua creada, é motivo de controversia nos Tribunaes de Los Angeles.

Quando é que um testamento não tem valor? Deve ser escripto em papel rubricado, assignado sobre sello e entregue ao tabellião? Ou é lícito, em caso de urgencia e difficuldade, escrevel-o sobre o primeiro objecto que cahir nas mãos do testador, mesmo numa saia branca de mulher? Esta é a pergunta que os herdeiros de George Hazeltine, um Cresus de 87 annos, da California, fizeram.

Mr. Hazeltine, cahindo gravemente enfermo em uma casa de repouso á beira mar, e tendo feito um testamento, em forma, antes, annullou-o com outro que escreveu, ás pressas, na saia branca de Miss Lillian Pelkey, uma das suas enfermeiras ou coisa que o valha, deixando-lhe e a Miss Higgins, \$10.000 dollars.

Receberão as raparigas o legado? O Tribunal de Los Angeles o decidirá.

MAR PORTUGUEZ

I
O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou, creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpris-se o Mar, e o Imperio de desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II
HORIZONTE

O' mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos!
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas, e o mysterio,
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio.
Splendia sobre as náos da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
Quando a não se approxima, ergue-se a encosta.
Em arvores, onde o Longe nada tinha;
Mais perto abre-se a terra em sons e côres;
E no desembarcar ha aves, flores,
Onde será só, de longe, a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisiveis
Da distancia imprecisa, e, com sensiveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos mercedos da Verdade.

III
PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno,
E para deante naveguei.

— 22 —

Junho ◊ LEITURA PARA TODOS ◊ 1926

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céos
Que, da obra usada, é minha a parte feita;
O por-fazer é só com Deus.

E ao immenso e possível oceano
Ensinaas estas quas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é portuguez.

E a cruz ao alto diz que o que me ha na alma
É faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

IV
O MORCEGO

O morcego que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar,
A' roda da não voou tres vezes,
Voou tres vezes a chiar,
E disse: "Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?"
E o homem do leme disse: tremendo,
"El-Rei Dom João Segundo!"

"De quem são as velas onde me rôço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o morcego, e rodou tres vezes,
Tres vezes rodou immundo e grosso,
"Quem vem poder o que só eu posso,
Que móro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu: e disse,
"El-Rei Dom João Segundo!"

Tres vezes do leme as náos erguem,
Tres vezes ao leme as reprendeu,
E ao monstro que volta disse tres vezes,
"Aqui ao leme sou mais que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu!
E mais que o morcego, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
D'El-Rei Dom João Segundo!"

V
EPITAPHIO DE BARTHOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim, Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.

— 23 —

EDIFICAR CASTELLOS NA HESPANHA

Essa expressão é muito antiga para significar a realisação de coisas impossiveis, chimericas, irrealizaveis.

Já no celebre "Romance da Rosa", de Guilherme de Lorris, fallecido em 1230, um dos personagens diz ao interlocutor:

"Lors, feras chateaux en Espagne!"

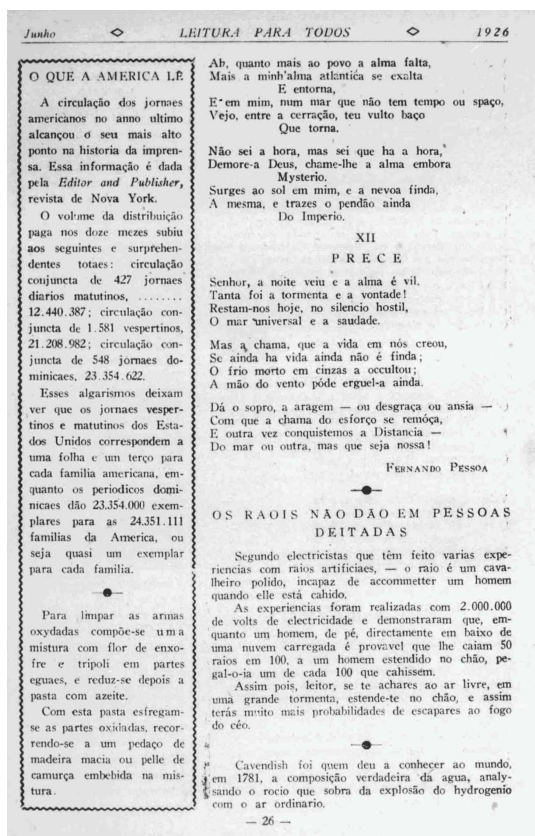
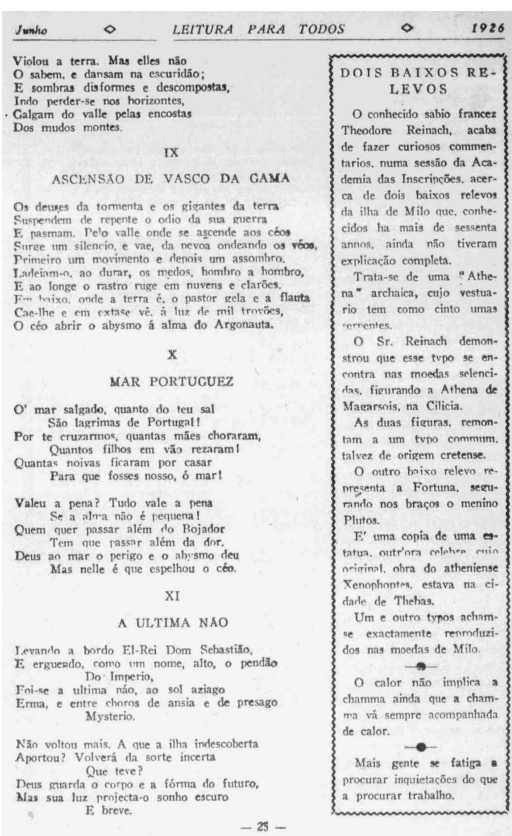
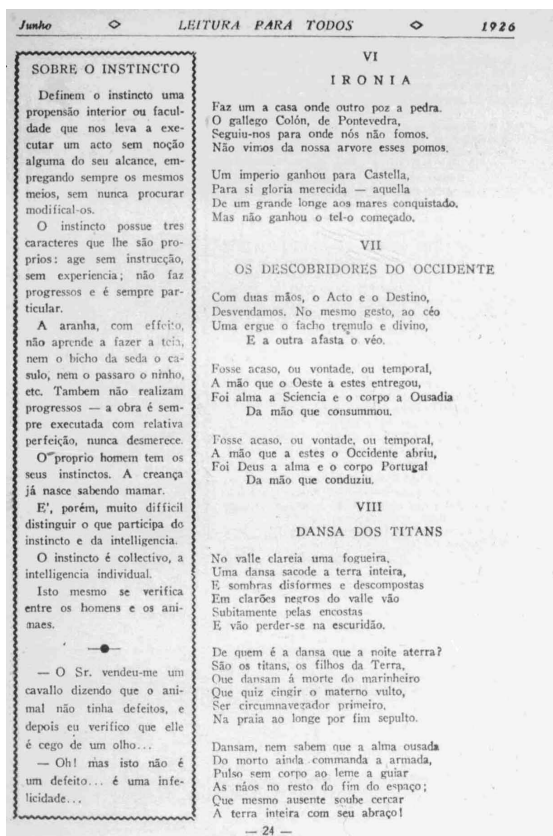
E' que, através os vastos campos de Hespanha, não se encontrava um unico castello, mas apenas algumas casinholas, muito distantes umas das outras. Era isso afim de impedir que os mouros, nas suas incursões, pudessem surprehender" vendas senhorias onde fosse possível estabelecerem-se e permanecer por muito tempo.

Dahi resultou dizer-se que se fazia castellos na Hespanha, quando algum apresentava algum projecto irrealizavel.

A expressão perdura até hoje com o mesmo significado, apesar de haver agora alguns castellos na terra de Afonso XIII.

—●—

O phenomeno da aureola que rodeia o planeta Mercurio, foi assignalado por M. Schoroter, em 1799.

Figs. 1 a 6. "Mar Portuguez" em *Leitura para todos* (1926).

I. O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II. HORIZONTE

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos!
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mysterio,
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio
Splendia sobre as náos da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
Quando a náos se approxima ergue-se a encosta
Em arvores, onde o Longe nada tinha;
Mais perto abre-se a terra em sons e côres;
E no desembarcar ha aves, flores,
Onde será só, de longe, a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisiveis
Da distancia imprecisa, e, com sensiveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

III. PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno,
E para deante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
 Este padrão sinala ao vento e aos céos
 Que, da obra ousada, é minha a parte feita;
 O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
 Ensinam estas quinas, que aqui vês,
 Que o mar com fim será grego ou romano:
 O mar sem fim é portuguez.

E a Cruz ao alto diz que o que me ha na alma
 E faz a febre em mim de navegar
 Só encontrará de Deus na eterna calma
 O porto sempre por achar.

IV. O MORCEGO

O morcego que está no fim do mar
 Na noite de breu ergueu-se a voar,
 À roda da náó voou tres vezes,
 Voou tres vezes a chiar,
 E disse: “Quem é que ousou entrar
 Nas minhas cavernas que não desvendo,
 Meus tectos negros do fim do mundo?”
 E o homem do leme disse tremendo,
 “El-Rei Dom João Segundo!”

“De quem são as velas onde me róço?
 De quem as quilhas que vejo e ouço?”
 Disse o morcego, e rodou tres vezes
 Tres vezes rodou immundo e grosso.
 “Quem vem poder o que só eu posso,
 Que móro onde nunca ninguem me visse
 E escorro os medos do mar sem fundo?”
 E o homem do leme tremeu: e disse,
 “El-Rei Dom João Segundo!”

Tres vezes do leme as mãos ergueu,
 Tres vezes ao leme as reprendeu,
 E ao monstro que volta disse tres vezes,
 “Aqui ao leme sou mais que eu:
 Sou um Povo que quer o mar que é teu!
 E mais que o morcego, que me a alma teme
 E roda nas trevas do fim do mundo,
 Manda a vontade, que me ata ao leme,
 De El-Rei Dom João Segundo!”

V. EPITAPHIO DE BARTHOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro.
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.

VI. IRONIA

Faz um a casa onde outro poz a pedra.
O gallego Colón, de Pontevedra,
Seguiu-nos para onde nós não fomos.
Não vimos da nossa arvore esses pomos.

Um imperio ganhou para Castella,
Para si gloria merecida – aquella
De um grande longe aos mares conquistado.
Mas não ganhou o tel-o começado.

VII. OS DESCOBRIDORES DO OCCIDENTE

Com duas mãos, o Acto e o Destino,
Desvendamos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho tremulo e divino,
E a outra afasta o véo.

Fosse acaso, ou vontade, ou temporal
A mão que o Oeste a estes entregou,
Foi alma a Sciencia e o corpo a Ousadia
Da mão que consummou.

Fosse acaso, ou vontade, ou temporal
A mão que a estes o Occidente abriu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que conduziu.

VIII. DANSA DOS TITANS

No valle clareia uma fogueira,
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do valle vão
Subitamente pelas encostas,
E vão perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?
 São os titãs, os filhos da Terra,
 Que dançam á morte do marinheiro
 Que quiz cingir o materno vulto,
 Ser circumnavegador primeiro.
 Na praia ao longe por fim sepulto.

Dansam, nem sabem que a alma ousada
 Do morto ainda commanda a armada,
 Pulso sem corpo ao leme a guiar
 As náos no resto do fim do espaço;
 Que mesmo ausente soube cercar
 A terra inteira com seu abraço!

Violou a Terra. Mas elles não
 O sabem, e dansam na escuridão;
 E sombras disformes e descompostas,
 Indo perder-se nos horizontes,
 Galgam do valle pelas encostas
 Dos mudos montes.

IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
 Suspendem de repente o odio da sua guerra
 E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céos
 Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véos,
 Primeiro um movimento e depois um assombro.
 Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro.
 E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.
 Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
 Cae-lhe, e em extase vê, á luz de mil trovões,
 O céu abrir o abysmo á alma do Argonauta.

X. MAR PORTUGUEZ

Ó mar salgado, quanto do teu sal
 São lagrimas de Portugal!
 Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
 Quantos filhos em vão rezaram!
 Quantas noivas ficaram por casar
 Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
 Se a alma não é pequena!
 Quem quer passar além do Bojador
 Tem que passar além da dor.
 Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
 Mas nelle é que espelhou o céu.

XI. A ULTIMA NÁO

Levando a bordo El-Rei Dom Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto, o pendão
 Do Imperio,
Foi-se a ultima náó, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ansia e de presago
 Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Volverá da sorte incerta
 Que teve?
Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,
Mas sua luz projecta-o sonho escuro
 E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minh'alma atlantica se exalta
 E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo, entre a cerração, teu vulto baço
 Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
 Misteryo.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda,
A mesma, e trazes o pendão ainda
 Do Imperio.

XII. PRECE

Senhor, a noite veiu e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silencio hostile,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda;
O frio morto em cinzas a occultou;
A mão do vento póde ergue-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ansia —
Com que a chama do esforço se remóça,
E outra vez conquistemos a Distancia —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

FERNANDO PESSOA

Tabela
(Variantes ortográficas)

Poema	Verso e estrofe	Partida	Chegada
"Horizonte"	5º verso - 1ª estrofe	flôr	flor
"Horizonte"	2º verso - 2ª estrofe	nau	náo
"Horizonte"	5º verso - 2ª estrofe	flôres	flores
"Padrão"	1º verso - 1ª estrofe	exforço	esforço
"Padrão"	2º verso - 2ª estrofe	céus	céos
"Padrão"	3º verso - 2ª estrofe	feita;	feita:
"Morcego"	3º verso - 1ª estrofe	nau	náo
"Morcego"	9º verso - 1ª estrofe	el-rei	El-Rei
"Morcego"	3º verso - 2ª estrofe	trez	tres
"Morcego"	4º verso - 2ª estrofe	Trez	Tres
"Morcego"	9º verso - 2ª estrofe	el-rei	El-Rei
"Morcego"	1º verso - 3ª estrofe	Trez	Tres
"Morcego"	2º verso - 3ª estrofe	Trez	Tres
"Morcego"	9º verso - 3ª estrofe	el-rei	El-Rei
"Epitaphio..."	2º verso - 1ª estrofe	Assombro,	Assombro.
"Os Descobridores..."	1º verso - 1ª estrofe	Acaso	acaso
"Os Descobridores..."	1º verso - 2ª estrofe	Acaso	acaso
"Os Descobridores..."	1º verso - 1ª estrofe	Vontade	vontade
"Os Descobridores..."	1º verso - 2ª estrofe	Vontade	vontade
"Os Descobridores..."	1º verso - 1ª estrofe	Temporal	temporal
"Os Descobridores..."	1º verso - 2ª estrofe	Temporal	temporal
"Os Descobridores..."	4º verso - 1ª estrofe	véu	véo
"Os Descobridores..."	2º verso - 1ª estrofe	Desvendámos	Desvendamos
"Os Descobridores..."	2º verso - 1ª estrofe	ceu	céo
"Os Descobridores..."	2º verso - 1ª estrofe	Desvendámos	Desvendamos
"Os Descobridores..."	1º verso - 2ª estrofe	Fôsse	Fosse
"Dança dos Titans"	Título	Dança	Dansa
"Dança dos Titans"	1º verso - 1ª estrofe	fogueira,	fogueira.
"Dança dos Titans"	1º verso - 2ª estrofe	dança	dansa
"Dança dos Titans"	3º verso - 2ª estrofe	dançam	dansam
"Dança dos Titans"	4º verso - 1ª estrofe	naus	náos
"Ascensão de Vasco..."	3º verso - 1ª estrofe	céus	céos
"Ascensão de Vasco..."	3º verso - 1ª estrofe	véus	véos
"Ascensão de Vasco..."	2º verso - 2ª estrofe	Cahe-lhe	Cae-lhe
"Ascensão de Vasco..."	3º verso - 2ª estrofe	céu	céo
"Mar Portuguez"	4º verso - 1ª estrofe	rezaram	resaram
"Mar Portuguez"	6º verso - 1ª estrofe	fôsses	fosses
"Mar Portuguez"	6º verso - 2ª estrofe	céu	céo
"A Ultima Nau"	Título	Nau	Náo
"A Ultima Nau"	1º verso - 1ª estrofe	el-rei	El-Rei
"A Ultima Nau"	4º verso - 1ª estrofe	nau	náo
"Prece"	2º verso - 3ª estrofe	exforço	esforço
"O avô e o neto"	2º verso - 1ª estrofe	entristecido,	entristecido:
"O avô e o neto"	2º verso - 5ª estrofe	vae	vai
"O avô e o neto"	4º verso - 5ª estrofe	cae	cai

2. “O avô e o neto”

Thesouro da Juventude é o nome de um conjunto de 18 volumes publicados no Rio de Janeiro pela W. M. Jackson Editores (New York), que influenciou toda uma geração de jovens leitores. Com o aspeto de uma enciclopédia do ponto de vista editorial, a publicação ganhou vulto nos anos 1920. O primeiro volume, publicado em 1925, tinha o prefácio de Clóvis Bevilacqua (1859-1944), jurista, magistrado, jornalista, professor, historiador, crítico, e fundador da cadeira n.º 14 da Academia Brasileira de Letras. Na “Introdução” do referido volume, Bevilacqua indicava a obra para “meninos, adolescentes e homens do povo que teem sede de saber” (NASSIF, 2005: em linha).

Durante a vida, Clóvis Bevilacqua exerceu uma considerável atividade literária, tendo publicado com Isidoro Martins Junior, colega de Academia, *Vigilias literárias* (1879), e fundado as revistas a *Idéia Nova*, *O Escalpelo* (ambos de 1881) e o *Estenógrafo* (1882), além de ter escrito para quase todos os jornais brasileiros da época. Foi também tradutor e ensaísta, e dessa maneira, é razoável supor que Bevilacqua transitasse com certa mobilidade entre os poucos conhecedores brasileiros da obra de Pessoa (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s.d.).

Fernando Cabral Martins, em *Ficções do Interlúdio* (PESSOA, 1998: 254), indica que “O avô e o neto” foi encontrado por Everardo Alves Nobre num volume do *Thesouro da Juventude*, o que corrobora a possibilidade de alguma influência de Bevilacqua na recepção do texto, já que o jurista contribuía nessa época para a enciclopédia. A versão publicada no *Thesouro* teve seu título alterado pelos editores para “Meditações do avô e brinquedos do neto”.

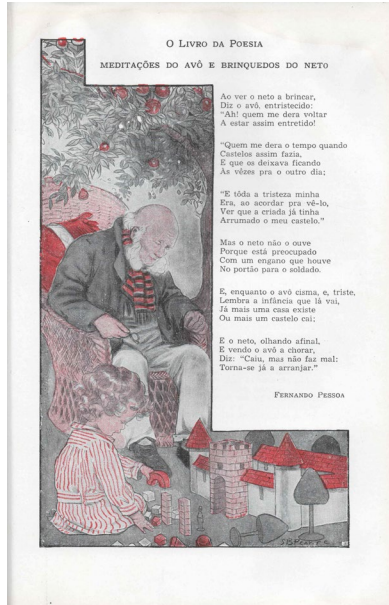
Menos de uma década mais tarde, o poema foi novamente publicado no Brasil, na edição n.º 1329, de 25 de Março de 1931, d’*O Tico-tico: Jornal das crianças*, que teve uma longa vida (1905-1961). O jornal foi fundado pelo jornalista Luiz Bartolomeu de Souza e Silva (1866-1932), “responsável pela publicação de outros periódicos, como *A Tribuna*, *Ilustração Brasileira* e *Leitura para todos*”; Silva “foi também diretor da Sociedade Anônima ‘O Malho’ de 1902 até 1913” (ARROYO, 2011: 213-215, *apud* MENNA, 2012: 169).

De acordo com os estudos de Lígia Regina Máximo Cavalari Menna, a publicação possuía uma “dupla função, [...] entreter e ensinar”, e contava com uma estratégia já àquela altura bastante moderna de divulgação do seu material, já que procedia com a distribuição de suas publicações “por vários centros urbanos, inclusive gratuitamente, uma vez que, nessa época, eram proibidas a exposição e a venda avulsa de jornais nas calçadas” (MENNA, 2012: 171)

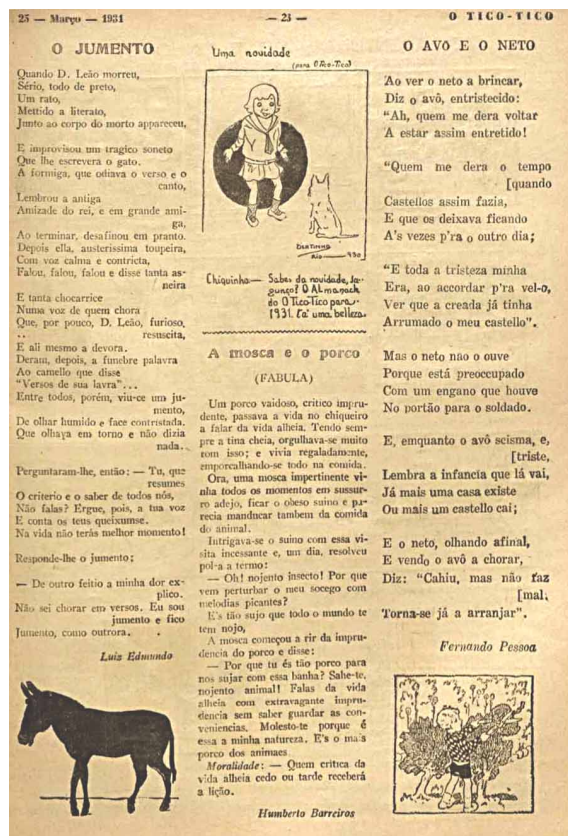
A versão d’*O Tico-tico*, ainda que tenha mantido o título original, parece ter sido transcrita a partir daquela do *Thesouro da Juventude*, já que apresenta as mesmas alterações em relação ao texto datilografado que se conserva no espólio pessoano. É claro que esta é apenas uma hipótese e que talvez os editores de *Tico-tico* tenham

tido acesso ao datiloscrito enviado por Pessoa (que conservou uma cópia a químico), o que justificaria a manutenção do título original.

Segue a transcrição da 2ª versão do poema, publicada na edição d'O Tico-tico: *Jornal das crianças* (1931).



Figs. 7 e 8. “Meditações do avô e brinquedos do neto”, “Linda florinha” – *Thesouro da Juventude* (c. 1926).



Figs. 9 e 10. “O avô e o neto” – *O Tico-tico* (1931)

O AVÔ E O NETO

Ao ver o neto a brincar,
Diz o avô, entristecido:
“Ah, quem me dera voltar
A estar assim entretido!

“Quem me dera o tempo quando
Castellos assim fazia,
E que os deixava ficando
Às vezes p’ra o outro dia;

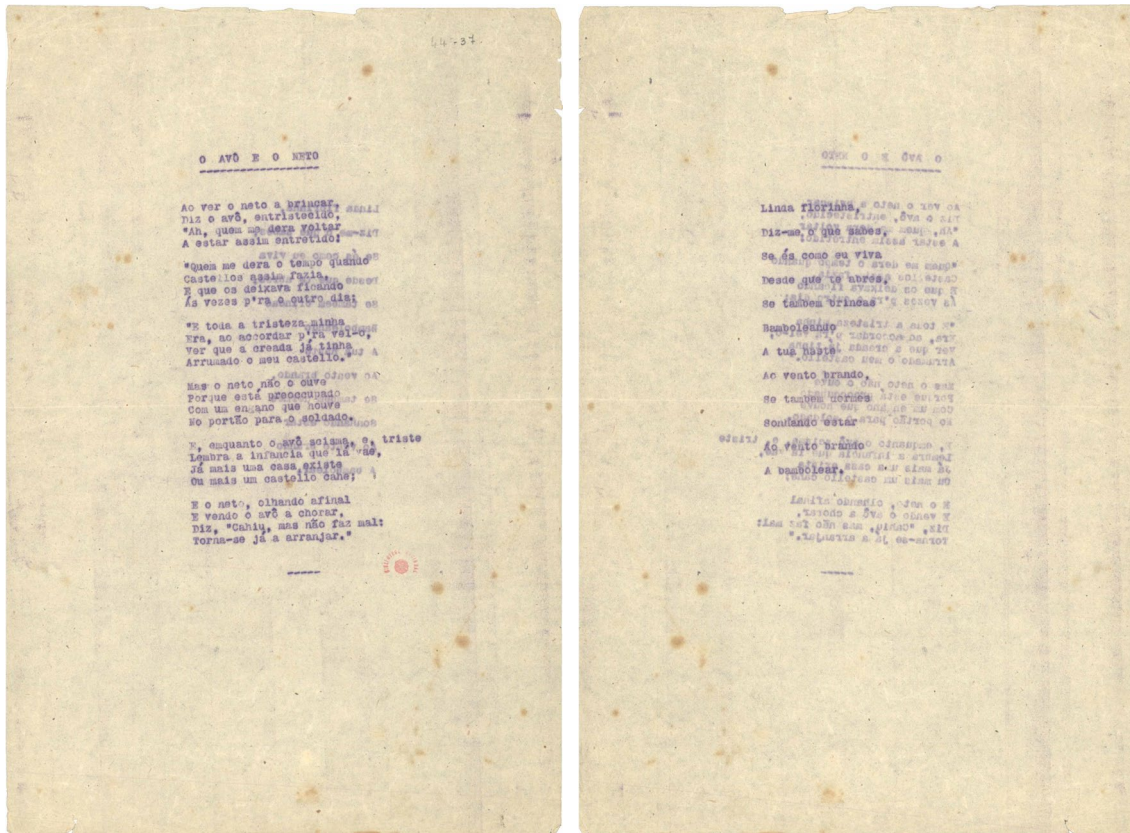
“E toda a tristeza minha
Era, ao acordar p’ra vel-o,
Ver que a creada já tinha
Arrumado o meu castello”.

Mas o neto não o ouve
Porque está preocupado
Com um engano que houve
No portão para o soldado.

E, enquanto o avô scisma, e, triste,
Lembra a infância que lá vai,
Já mais uma casa existe
Ou mais um castello cai;

E o neto, olhando afinal,
E vendo o avô a chorar,
Diz: “Cahiu, mas não faz mal:
Torna-se já a arranjar”.

Fernando Pessoa



Figs. 11 e 12. “O avô e o neto” (BNP/E3, 44-37^r) e “Linda florinha” (BNP/E3, 44-37^v).

No verso da mesma folha de papel sem pauta, ligeiramente desgastada na parte superior, encontra-se um outro poema, sem título, também datilografado a tinta roxa, composto em tetrassílabos sempre (contando à portuguesa até a última tônica), com a única possível exceção do verso final, que admitiria leitura como redondilha menor (mas não necessariamente). Trata-se de um poema que poderia, tal qual o do rosto da folha, ser objeto de leitura para crianças; e que talvez dialogue com poemas como “The flower and the lady”, de Jane e Ann Taylor, ou com outros afins.

Linda florinha,
 Diz-me o que sabes,
 Se és como eu viva
 Desde que te abres,
 Se também brincas
 Bamboleando
 A tua haste
 Ao vento brando,
 Se também dormes
 Sonhando estar
 Ao vento brando
 A bambolear.

3. “D. Diniz” e “Terceiro”

O *Diário de Notícias* foi um jornal carioca matutino, fundado em 12 de junho de 1930 por Orlando Ribeiro Dantas. Saiu de circulação em 1974. Desde seu lançamento, a posição do *Diário de Notícias* foi definida claramente. Sua proposta básica era lutar contra “a estrutura oligárquica” da República Velha, colocando-se como porta-voz de um “espírito revolucionário” que visava à transformação da sociedade (TIMÓTEO, 1944: 78). Era, logo, um periódico de cariz mais político que literário, diferentemente dos jornais *Leitura para todos* e *O Tico-tico*.

O poema “D. Diniz” e as duas estrofes finais de “Terceiro” foram publicados na edição n.º 2.523, do dia 10 de março de 1935, no caderno “Suplemento”, no corpo de um artigo de Teixeira Soares intitulado “Um poeta e um romancista”. O artigo foi escrito em Lisboa, em dezembro de 1934, como um “especial para o *Diário de Notícias*”, e entrou no jornal brasileiro numa seção denominada “Cartas do outro lado”. O artigo versa sobre a poesia de Fernando Pessoa e a narrativa de José Régio.

Não há notícia de que “D. Diniz” e “Terceiro”, respetivamente o sexto poema da segunda parte de “O Brasão” – “Os Castellos” –, e o terceiro poema da segunda parte de “O Encoberto” – “Os Avisos” –, tenham sido previamente publicados em outros suportes além de *Mensagem*. Teixeira Soares traz à baila os textos como exemplo de “muita matéria poética” traduzida em “poemas curtos e eschematicos, mas de grande originalidade”, que fazem parte de um livro que “desconcerta” (SOARES, 1935: 17). Seguem as transcrições dos poemas publicados na edição brasileira.

Eis um exemplo característico.	these. — Sim, fui eu que matei o velho, disse com uma terrível inconsciência. E' claro, não fiz de proposito! Foi sómente para lhe tirar o dinheiro que estava escondido no colchão. Infelizmente, elle estava deitado em cima do colchão. Foi assim que o acordei, sem querer. Ahi, poz-se a berrear tão alto que fui obrigado a apertar-lhe a gar-	pados do que vi matou duas pes Putois abe sombrio: — Claro q agora”, mas qu zer uma recon!
<p>D. Diniz Na noite escreve um seu Can- [tar de Amigo o plantador de naus a haver, e ouve um silencio murmuro [comsigo: E' o rumor dos pinhaes que, [como um trigo de Imperio, ondulam sem se [poder ver. Arrolo, esse cantar, joven e [puro, busca o oceano por achar; e a fala dos pinhaes, maru- [lho obscuro, é o som presente desse mar [futuro, é a voz da terra anslando [pelo mar. Sobre o Encoberto e sobre esse appello estranho do Alem, que representa na alma portugueza o traço mais for-</p>	<p>te do caracter certa, ha este poema: Quando virás, ó Encoberto, sonho das eras portuguez, tornar-me mais que o sopro [incerto de um grande anseio que [Deus fez? Ah, quando quereras, vol- [tando, fazer minha esperança amor? Da nevoa e da saudade [quando? Quando, meu Sonho e meu [Senhor? E nesse tom, com uma</p>	<p>grande riqueza de valores, desenrola-se a poesia de Fernando Pessoa, poeta singular nas actuaes letras da sua patria.</p> <p>O sr. José Régio tambem começou como poeta. Por signal que os seus “Poemas de Deus e do Diabo”, publicados em 1925, lhe deram um logar bem marcado na galeria dos poetas de Portugal.</p> <p>Agora, appareceu com o seu romance “Jogo de Cabra Cega”. Sobre esse volume de</p>

Figura 13. Detalhe do artigo “Um poeta e um romancista” (1935).

D. DINIZ

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
o plantador de naus a haver,
e ouve um silencio murmuro comsigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
de Imperio, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, joven e puro,
busca o oceano por achar;
e a fala dos pinhaes, marulho obscuro,
é o som presente desse mar futuro,
é a voz da terra ansiando pelo mar.

TERCEIRO

Quando virás, ó Encoberto,
sonho das eras portuguez,
tornar-me mais que o sopro incerto
de um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quereras, voltando,
fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

Tabela
(Variantes ortográficas)

<i>Poema</i>	Verso e estrofe	Partida	Chegada
"D. Diniz"	2º verso – 1ª estrofe	O	o
"D. Diniz"	2º verso – 1ª estrofe	haver,	haver.
"D. Diniz"	3º verso – 1ª estrofe	E	e
"D. Diniz"	5º verso – 1ª estrofe	De	de
"D. Diniz"	1º verso – 2ª estrofe	jovem	joven
"D. Diniz"	2º verso – 2ª estrofe	Busca	busca
"D. Diniz"	3º verso – 2ª estrofe	E	e
"D. Diniz"	4º verso – 2ª estrofe	É	é
"D. Diniz"	5º verso – 2ª estrofe	É	é
"Terceiro"	2º verso – 1ª estrofe	Sonho	sonho
"Terceiro"	3º verso – 1ª estrofe	Tornar-me	tornar-me
"Terceiro"	5º verso – 1ª estrofe	De	de
"Terceiro"	1º verso – 2ª estrofe	quererás	quereras
"Terceiro"	2º verso – 2ª estrofe	Fazer	fazer

Álvaro Teixeira Soares¹ já havia contribuído para o *Diário de Notícias* na edição n.º 2.296, do dia 3 de junho de 1934, com o artigo intitulado “A mulher contra a mulher (à margem de *Ann Vickers* de Siclair Lewis)”, a respeito da adaptação cinematográfica do romance de Lewis, dirigida por John Cromwell.

Em nota, publicada na capa do n.º 4181, de 7 de julho de 1934, o mesmo jornal refere-se a Teixeira Soares como “escritor de mérito provado”. A nota ainda menciona um romance intitulado *Equinocio* e as “Cartas do outro lado”. Da produção bibliográfica de Teixeira Soares destacam-se, além das “Cartas”, uma contribuição para o n.º 1 da revista modernista brasileira *Movimento* (outubro de 1928), na qual Soares publicou o artigo: “Poesia Nova Estadunidense”; o livro *Factores Históricas da Formação da Unidade Brasileira* (1935); outro romance, intitulado *Mágica* (1935); *Imagens de Machado de Assis* (1936); e um belo ensaio intitulado “Camilo Pessanha visto por um escritor brasileiro”, publicado na edição n.º 4241, de 5 de setembro de 1934, no *Diário de Lisboa*. Segue a transcrição da nota:

O SECRETARIO da Embaixada do Brasil, dr. Teixeira Soares, é um escritor de mérito provado em alguns livros que lhe deram lugar de destaque na geração do seu país. Entre nós, concluiu ele um romance, «Equinocio» de que algumas cenas se passam em Lisboa. Como jornalista, está enviando para o «Diário de Notícias», do Rio de Janeiro, crônicas a que chama «Cartas do outro lado». Uma dessas cartas de Portugal trata do grande poeta Camilo Pessanha, muito admirado pelos literatos brasileiros graças aos artigos que lhe dedicou em tempos o crítico Agrippino Grieco.

Teixeira Soares, filho de portugueses e sincero amigo de Portugal, tem procurado pôr-se em contacto com os nossos intelectuais, no desejo de contribuir para o estreitamento de relações entre os dois países. Devemos ajudá-lo nessa tarefa meritória.

O secretário de Embaixada do Brasil, dr. Teixeira Soares, é um escritor de mérito provado em alguns livros que lhe deram lugar de destaque na geração do seu país. Entre nós, concluiu ele um romance, “Equinocio”, de que algumas cenas se passam em Lisboa. Como jornalista, está enviando para o “Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro, crônicas a que chama “Cartas do outro lado”. Uma dessas cartas de Portugal trata do grande poeta Camilo Pessanha, muito admirado pelos literatos brasileiros graças aos artigos que lhe dedicou em tempos o crítico Agrippino Grieco.

Teixeira Soares, filho de portugueses e sincero amigo de Portugal, tem procurado pôr-se em contacto com os nossos intelectuais, no desejo de contribuir para o estreitamento de relações entre os dois países. Devemos ajudá-lo nessa tarefa meritória.

Fig. 15 – Nota sobre Teixeira Soares – *Diário de Lisboa* (1934), pormenor.

¹ Veja-se: Álvaro Teixeira Soares — Nascido no Rio de Janeiro, em 10 de Outubro de 1903. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1925. Terceiro Official, por concurso, 30 Abril 1929; Auxiliar do Gabinete do Ministro Mello Franco, 25 Outubro 1930; à disposição de Sir Eric Drummond, Secretario Geral da Liga das Nações, em sua visita ao Brasil, em Dezembro 1930. Consul de 3.ª classe, classificado, 17 Janeiro 1931; à disposição da Missão Especial Canadense, em sua visita ao Brasil, em Abril 1931; Auxiliar de Gabinete do Ministro Mello Franco, 20 de Outubro 1932 a 28 Dezembro 1933. Segundo Secretario, por merecimento, 24 Novembro 1933; Enc. de Neg. em Lisboa, de 28 Dezembro 1935 a 24 Janeiro 1936; serviu na Comissão de Recepção do Presidente Franklin Roosevelt, Novembro 1936. Serviu: como Consul de 3.ª classe, na Secretaria de Estado, de 27 Novembro 1933; como Segundo Secretario, na Secretaria de Estado, de 27 Novembro 1933 a 28 Fevereiro 1934; em Lisboa, de 19 Março 1934 a 4 Novembro 1936; em Washington, de 9 Janeiro a 31 Dezembro 1937. Fonte: ALMANAQUE DO PESSOAL DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (1938: 224).

Há de se considerar a hipótese de que Fernando Pessoa tenha tido alguma comunicação com Teixeira Soares. Nas notas a um poema de Álvaro de Campos, Jerónimo Pizarro, na sua edição crítica de *Obra Completa de Álvaro de Campos* (2014) apresenta um texto que corrobora a suposição. Abaixo o documento e a nota final, na íntegra, contendo uma transcrição:

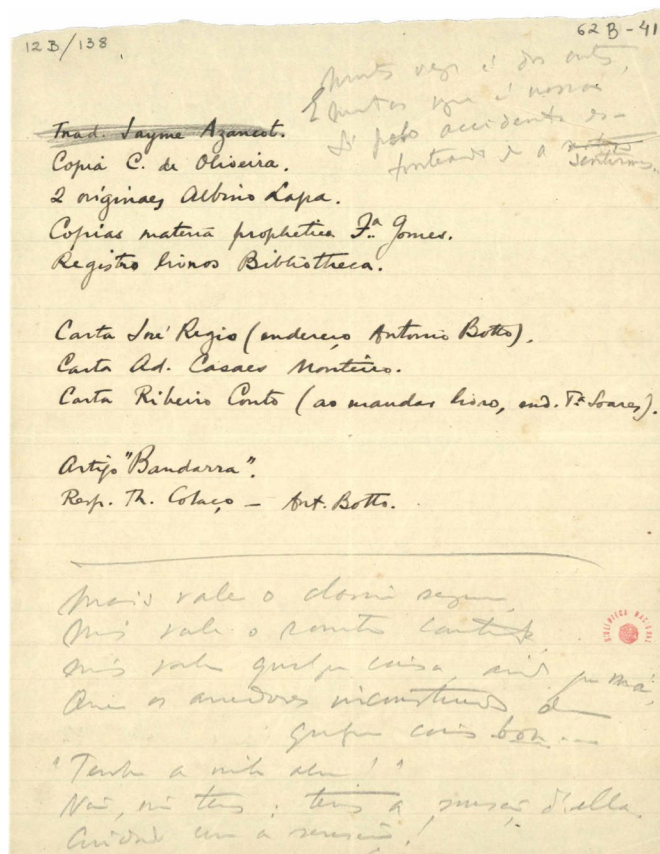


Fig. 16. Lista de 1934 (BNP/E3, 62B-41').

[62B-41]

Versos manuscritos a lápis numa folha de papel pautada que já continha o registo de dois projectos no verso (“O Sentido Occulto do Xadrez” e “A Iniciação Menor das Damas”) e uma lista de tarefas – só a primeira riscada – no rosto: “Trad. Jayme Azancot. | Cópia C[arlos] de Oliveira. | 2 originaes Albino Lapa. | Copias materia prophetica F[erreir]a Gomes. | Registro livros Bibliotheca. || Carta José Regio (endereço Antonio Botto). | Carta Ad[olfo] Casaes Monteiro. | Carta Ribeiro Couto (ao mandar livro, end[ereço] T[eixeir]a Soares). || Artigo “Bandarra” | Resp. Th[omaz] Colaço – Ant[ônio] Botto”. Os versos foram datados do dia 1 de Novembro de 1934 e atribuídos, depois da morte de Fernando Pessoa, a Álvaro de Campos. Em princípio, “T.^a Soares” é Teixeira Soares, um escritor brasileiro modernista na década de 1920, diplomata e historiador, amigo de Sérgio Buarque de Holanda. José Barreto, a quem devemos esta informação, indica que “Soares talvez estivesse em Paris em 1934. Em 1934 Ribeiro Couto, que também era diplomata, ainda estava em Paris, mas em 1935 mudou-se para a Holanda” (comunicação pessoal).

(PIZARRO, 2014: 657)

Há mais um dado a corroborar com a ideia de possível aproximação entre Fernando Pessoa e Teixeira Soares. Segundo Alceu Amoroso Lima, Soares tinha grande proximidade com Ronald de Carvalho, que junto com, Renato de Almeida, Graça Aranha e Paulo Silveira formavam um núcleo modernista, ao qual Amoroso Lima chamou de “dinamistas”. Há ainda muito o que ser descoberto sobre essas relações. Além disso, no artigo de Soares “Um poeta e um romancista”, no qual estão transcritos os poemas em questão, o autor faz uma descrição física e psicológica de Pessoa: “Ahi o encontraremos, alto, esguio, com uns olhos humorísticos e perfurantes, denunciando o mago das coisas ocultas. Mas é uma figura encantadora” (SOARES, 1935: 17). No momento, é apenas uma suposição a ser testada na continuidade das investigações. Cito, por ora, uma passagem de Alceu Amoroso Lima sobre o grupo a que pertencia Teixeira Soares:

Havia, então, no Rio, três grupos modernistas: o de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida, Teixeira Soares, Paulo Silveira, que chamei “dinamistas”, e publicaram a efêmera revista *Movimento*. Havia o grupo “espiritualista” de Tasso da Silveira, Cecília Meireles, Henrique Abílio, Andrade Murici, Barreto Filho e outros ligados a Jackson de Figueiredo. [...] O grupo de *Estética* e em seguida da revista *Klaxon* estava tão unidos aos chamados “antropófagos” ou primitivistas. [...] Mantive sempre durante esse longo dissídio uma perfeita equidistância entre eles assim como em relação ao outro grupo paulista dos “nacionalistas” de Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo.

(LIMA, 1973: p.70)

*

A redescoberta de “Mar Portuguez”, “O avô e o neto”, “Linda florinha...”, “D. Diniz” e “Terceiro” pressupõe que ainda haja um universo a ser perscrutado no que diz respeito à recepção da obra de Fernando Pessoa publicada durante a sua vida (1888-1935), dentro e fora de Portugal. Ainda que esses cinco textos fossem conhecidos por alguns investigadores, a revisitação deles permitiu discutir aspetos a respeito de sua publicação no Brasil. Por exemplo, uma série de pistas sobre outras possíveis (algumas, talvez, desconhecidas) conexões de Pessoa com escritores e críticos brasileiros, principalmente no período entre 1922 e 1935, coincidindo com a maior agitação do movimento modernista no Brasil.

O levantamento do material hemero-bibliográfico realizado – em publicações periódicas brasileiras da primeira metade do século XX –, aponta para o que Arnaldo Saraiva em seu livro *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (1986) propõe: que as relações entre esses dois movimentos foram maiores do que podemos supor a uma primeira vista. Talvez tenha sido Pessoa um leitor de Teixeira Soares, por exemplo, e este é um outro autor que precisa de ser “redescoberto”.

Anexo I.

Transcrição do texto de Teixeira Soares sobre Camilo Pessanha:

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05756.020.05212#!3>

Camilo Pessanha
visto por um escritor brasileiro

O sr. dr. Teixeira Soares, secretario da Embaixada do Brasil em Lisboa, é um escritor muito distinto e um amigo de Portugal. Já o dissémos, e temos hoje o prazer de o provar, transcrevendo uma de suas primeiras cronicas sobre gente nossa, enviadas de cá para o esplendido suplemente literario do Diario de Noticias, do Rio de Janeiro. Nela se faz o elogio do raro poeta que foi Camilo Pessanha:

Perto da velha Sé, que domina uma colina de casario ponteagudo em telha vermelha, fica o largo do Contador-Mór, e, neste largo, a casa de Osorio de Oliveira e Raquel Bastos, tão conhecidos ambos do publico do Rio, que se interessa por coisas de Arte. Castro Osorio, critico finissimo, volvido agora para assuntos coloniais, nos conta alguma coisa a respeito de Camilo Pessanha, poeta original. Castro Osorio, que com essa singular figura conviveu, foi o responsavel por haver conseguido fazer surgir em 1920, a *Clepsydra*, onde se encontram alguns dos mais belos poemas de Camilo Pessanha. Mas quanta coisa interessante se perdeu. O poeta vivia num clima de poesia extraordinariamente rarefeito. O que se chamam contingencias materiais tinham pouco papel na as existencia. Por isso, ele foi o primeiro responsavel por haver-se perdido uma parte tão importante da sua obra. A *Clepsydra* representa apenas um punhado de coisas suas que Castro Osorio piedosamente salvou. Os dois irmãos, Castro Osorio e Osorio de Oliveira, este que acaba de publicar um livro bem curioso de critica chamado *Psicologia de Portugal*, onde há uma parte consideravel a respeito de coisas nossas – os dois irmãos, continuamos, pretendem fazer sair – não se sabe quando, infelizmente... – as *Prosas e versos* de Camilo Pessanha. Então, tudo quanto foi salvo pelos seus amigos figurará nessas obras completas do poeta. Não pensemos, porém, que Pessanha tivesse deixado muita coisa. Prosa: um ensaio notavel sobre a historia da civilização chinesa. Poucos versos, mas bons. Escrevia pouco ou, na melhor das hipoteses, só mostrava aos seus raros amigos o que prezava como coisa boa. O resto se perdeu, e se perdeu, porque o autor assim o quiz. Insatisfeito com todos, e mais do que com todos, consigo proprio, Pessanha vivia neste mundo apenas no dominio da sua propria sombra e do seu sonho. Os seus impulsos liricos eram sabiamente controlados por um intelectualismo geometrico. Era sêco, mas cheio de sugestões. Aparentemente pobre, era rico de subtilezas e de certas orquestrações de camara. Aparentemente arido, foi um dos poetas mais originais de Portugal. A sua obra é deminuta, sabem-no os seus admiradores. Mas o pouco que deixou é perfeito, ou quasi perfeito. Não se apegou a formulas didacticas,

a convenções ou academicismos perigosos. A sua personalidade sempre se manteve intacta, artisticamente. Atormentado, canalizou, por assim dizer, a sua imaginação numa disciplina de forma, que lembra, de certa maneira, Valér². Infinitamente consciencioso, compunha, por assim dizer, por deduções, quasi com o método daquele estranho Legrand, do famoso conto, o *Escaravelho de Ouro*, de Poe. Parece que Pessanha jámais deu ao que fez o seu justo valor. Talvez porque vivesse a fazer uma terrível viviseccção espiritual do que compunha, talvez; mas o facto concreto é que desta ou daquela forma, o que os seus amigos salvaram coloca esse poeta entre os mais originais das letras portuguesas. E que tradutor delicioso de coisas chinesas. *Descobrimento*, essa magnífica revista de Castro Osorio, e que tanta pena foi que tivesse desaparecido, estampou oito elegias chinesas traduzidas e anotadas por Camilo Pessanha. O autor que podia ser mandarim de botão de coral, tal era a ciencia de conhecimentos chineses que armazenara, sabia a fundo a lingua da China. Por isso, a tradução dessas elegias é esplendida. Esta, por exemplo, tem um estranho sortilegio:

Os antigos mortos, invisivelmente
 Vêm ainda ao seu terraço antigo...
 Já sopra da nona lua o vento lamentoso.
 De *Os-três-rios* devem estar a chegar os gansos de arribação.
 Cobrem nuvens a vastidão dos dois Kuangs.
 Declina, palido, o sol, sobre Pang-Lai.
 Desterrado da patria e sem noticias dela,
 Para essas bandas volvo de continuo os olhos.

Esse pequeno poema tem uma densidade estranha e deixa na nossa imaginação um singular residuo de veneno e curiosidade.

Na *Clepsydra*, a respeito da qual Agripino Grieco falou com tanto entusiasmo pelas colunas de *O Jornal*, existem alguns poemas admiraveis.

Há coisas como esta:

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
 - O espelho inutil, meus olhos pagãos!
 Aridez de sucessivos desertos...

Estudando-se esse caso singular, que foi Camilo Pessanha, tão singular como Cesario Verde, ou Venceslau de Moraes, o magnifico autor de *Dai-Nippon*, lembramo-nos de perguntar se a longa permanencia dêsse poeta em Macau e se a sua intimidade com a civilização chinesa não haviam exercido uma influencia preponderante e *desviadora*, na sua obra. E pensariamos num caso maior, no caso de

² Possível errata por Valéry.

Kipling. Não sabemos se a residência de tantos e tantos anos na China desenvolvera ou paralisara forças creacionistas secretas, em Pessanha. Dessa ou daquela forma, os valores poéticos existiam na sua sensibilidade e ele soube aproveitá-los. Evidentemente não foi um grande poeta. Poe, o verdadeiro pai da *poesia pura*, muito antes de Mallarmé e Valéry, se disciplinou extraordinariamente e foi um dos maiores nomes do século XIX. Pessanha ficou, no entanto, sendo um *caso*, ou se quisermos um bom poeta de segundo team, dotado de rara originalidade. O que teria prejudicado um pouco a sua obra talvez fosse um exagero do que os ingleses chamam “critical-self-consciousness”. Shelley aconselhava que todo o grande poeta deve *innovar inevitavelmente*, rompendo as barreiras das fórmulas consagradas. Pessanha tinha todas as qualidades para inovar em grande escala. Mas se disciplinou por demais. Criou a sua orquestra interior, de estranhos efeitos, é verdade mas com pouco surto renovador. Ainda assim – medida, concentrada e densa – a obra de Pessanha não deixou de ter um papel de certa forma revolucionário, dentro do seu tempo.

A respeito dele, figura original, sempre de rosa na lapela, monoculo suspenso por uma corrente de ouro, grandes barbas negras, ha algumas aneddotas bem interessantes. Um dia lhe perguntaram: – “Não conhece ninguém que fume tanto opio como você? – “Deixe vê; sim, conheci um chinês. Por sinal, estava morto”. Ele tinha umas barbas negras compridas. Miope, era também distraído. Um dia, ia sendo atropelado por um bonde. O motorneiro increpou-o. Ele notou que o motorneiro tinha também umas grandes barbas. Indignado, disse: – “E o senhor não tem vergonha de, com umas barbas dessas, andar a guiar um carro eléctrico?”. Para trabalhar, punha uns olhos chineses. Do olho esquerdo, não via; tinha uma nevoa. Perguntaram-lhe porque não fazia a operação tão fácil. – “Estou a guardar esse olho para quando não vê do direito...” Um amor não correspondido o levou para a China, onde ficou cerca de vinte anos, como juiz, conservador do registo predial e professor do liceu. Um dia partiu para Lisboa, em goso de férias longamente acumuladas. Como fumasse opio espantosamente e não pudesse obtê-lo aqui, arrumou as malas e voltou a Macau, contrafeito com a viagem que fizera. Em Macau, teve de assistir a um banquete dado pelo governador a Blasco Ibanez. O governador esperou-o muito tempo no palácio. Mandou um ajudante de ordens vê o que havia. O ajudante viu o poeta louco de raiva, á procura do colete da casaca. Homem prático, o ajudante revistou Pessanha e descobriu o colete por debaixo da camisa de peitilho duro...

Imagens da vida de um poeta estranho e cheio de qualidades. Camilo Pessanha... – TEIXEIRA SOARES.

Anexo II.

Transcrição do texto de Teixeira Soares com os poemas de *Mensagem*:

<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/diario-noticias/093718>

UM POETA E UM ROMANCISTA

TEIXEIRA SOARES.

(Especial para o DIARIO DE NOTICIAS)

LISBOA, Dezembro de 1934.

Não estou bem certo, porque neste momento, não tenho á mão o livro em que se encontra tal affirmação, – mas me parece que foi Edmund Blunden, um dos mais interessantes poetas modernos da Inglaterra quem, ha pouco tempo, disse que, em geral, os poetas têm má vontade ou incapacidade em “reduzir em definição o mysterio de cada um delles”. A obra de criação poetica poder ser, em muitos casos, um esforço de vontade. Mas, na mór parte das vezes, o ímpeto creador extravasa as medidas e se condensa em uma criação cujos lineamentos não foram lançados nem previstos pelo seu autor. O poeta pode ser um architecto, mas se-lo-á involuntariamente, ao contrario do verdadeiro architecto que levanta as suas criações num puro esforço volitivo. Vamos a um exemplo: Jorge de Lima, tão merecidamente premiado, há pouco pela “Fundação Graça Aranha”, pretendeu escrever um romance; mas o seu “anjo”, onde adejam as sombras e os symbolos de um Blake, é, sem duvida, alguma, um dos mais estranhos e mais fortes poemas da literatura brasileira, destes ultimos tempos. Por isso mesmo, o “Anjo” tem um sortilegio impressssionante³ ao qual não escapará o leitor mais prevenido.

Essas considerações a respeito de poesia e de poetas surgiram depois que li “Mensagem”, do poeta portuguez Fernando Pessoa. Devo dizer que esse trabalho foi, há pouco, premiado pelo Secretariado da Propaganda.

Fernando Pessoa é uma personalidade fóra do comum. Durante muito tempo, escreveu para jornaes e revistas, com varios nomes differentes e varias “maneiras”. Cada uma dessas “maneiras” representava um fantastico poeta differente. Fernando Pessoa era, simultaneamente, e sob nomes differentes, poeta romantico, symbolista, astrologo, e poeta audaz e innovador. Mas não era só isso. Era, tambem, um arguto commentador e ensaista de character sociologico. E mais do que isso: escreveu os seus “33⁴ sonetos em inglez”, num magnifico estylo do tempo da rainha Elizabeth. Andou pela Africa portugueza e pela União sul-africana. Hoje, quem quizer vel-o e conversal-o, que o procure, a tarde, no tradicional café do Martinho da Arcada, no Terreiro do Paço. Ahi o encontraremos, alto, esguio, com uns olhos humoristicos e perfurantes, denunciando o mago das coisas occultas. Mas é uma figura

³ Erro por “impressionante”.

⁴ Soares refere os “35 Sonnets”.

encantadora. O poeta de “Mensagem” é também o tradutor moderno dos versos immortaes da “Tempestade”, de Shakespeare. Isso indica que Fernando Pessoa conhece bem a literatura ingleza.

“Mensagem” é um livro que desconcerta. A proposito do brazão de Portugal e de figuras da historia portugueza, Fernando Pessoa conseguiu suggestionar muita materia poetica, em poemas curtos e eschematicos, mas de grande originalidade.

Eis um exemplo caracteristico.

D. Diniz

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
o plantador de naus a haver,
e ouve um silencio murmuro comsigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
de Imperio, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, joven e puro,
busca o oceano por achar;
e a fala dos pinhaes, marulho obscuro,
é o som presente desse mar futuro,
é a voz da terra ansiando pelo mar.

Sobre o Encoberto e sobre esse appello estranho do Alem, que representa na alma portugueza o traço mais forte do character celta, ha este poema:

Quando virás, ó Encoberto,
sonho das eras portuguez,
tornar-me mais que o sopro incerto
de um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quereras, voltando,
fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

E nesse tom, com uma grande riqueza de valores, desenrola-se a poesia de Fernando Pessoa, poeta singular nas actuaes letras da sua patria.

O sr. José Régio tambem começou como poeta. Por signal que os seus “Poemas de Deus e do Diabo”, publicados em 1925, lhe deram um logar bem marcado na galeria dos poetas de Portugal.

Agora appareceu com seu romance “Jogo da Cabra Cega”. Sobre esse volume de quase 400 paginas, publicado pela “Presença” de Coimbra, ouvi aqui opiniões bastante differentes.

É um desses livros longos, no typo dos “romances-rios”, que nada são, afinal, comparados com os grandes romances de Meredith, Henry James ou de Dostoiewsky. Ha em suas paginas uma intensa pululação de vida. Mas, pela circunstancia de ser um pouco demasiado longo, o fio de entrecho, por vezes, se torna muito tenue. Ao lado de dialogos magnificos e impressões fortes, como a do primeiro capitulo sobre o “gosto de vaguear de noite...”, ha descrições exhaustivamente longas e uma analyse minuciosa, cerrada e repisada⁵ de motivos que impellem as figuras principaes do romance.

O sr. José Régio faz pensar bastante em certos grandes romances de D.H. Lawrence. Depois que terminei a leitura do “Jogo da Cabra Cega”, revi mentalmente muitas scenas impressionantes, dotadas daquelle impeto lyrico que as singulariza, de “Aaron’s Rod”, “Women in Love”, “Lost Girl” e “Lady Chaterley’s Lover”. Não posso afiançar se a obra transbordante de vida e poesia de Lawrence exerceu alguma influencia sobre o romance do sr. José Régio. Mas neste ha a preocupação do subconsciente impellindo os fantoches humanos para as suas grands⁶ ou pequenas acções. O livro seria mais interessante se tivesse um pouco mais de condensação. Scenas e dialogos poderiam ser reduzidos a menores proporções. A obra, com sua atmospha crepuscular e humida de crypta, muito ganharia com isso. E esse livro que procura ser um documento humano, com taes modificações, se tornaria mais denso, mais forte e, o que é mais importante, – se tornaria mais *verdadeiro*.

⁵ A palavra não está nítida na publicação, mas por lógica e aproximação ortográfica deduz-se que seja o adjetivo transcrito.

⁶ Erro por “grandes”.

Bibliografia

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (s/d). Perfil de Clóvis Beviláqua. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/clovis-bevilaqua>
- ALMANAQUE DO PESSOAL DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (1938). Rio de Janeiro: Villas Boas & C. http://www.funag.gov.br/chdd/images/Anuario_Funcionarios_MRE/Anuario1937A.pdf
- ANTOLOGIA DO JORNALISMO BRASILEIRO (1944). Seleção, preâmbulo e biografias por Pedro Timóteo. Rio de Janeiro: Z. Valverde.
- DIÁRIO DE LISBOA (1934). “Nota”, n.º 4181 de 7 de julho de 1934. Texto disponível em: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/
- MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari (2012). *A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português “O senhor doutor” e da revista brasileira “O Tico-Tico”*. Tese de doutoramento. Orientador: José Nicolau Gregorin Filho. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- NASSIF, Luís (2005). “O meu Tesouro da Juventude”. *Folha de São Paulo Digital*. Edição de 18 de dezembro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1812200509.htm>
- PESSOA, Fernando (2018). *Mensagem e poemas publicados em vida*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2014). *Obras Completas de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (1998). *Ficções do Interlúdio*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1935). “D. Diniz”; “Terceiro”. In: SOARES, Teixeira. “Um poeta e um romancista”. *Diário de Notícias*, n.º 2.523, Rio de Janeiro, 10 de março, p. 17, no “Suplemento”. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/093718/per093718_1935_02523.pdf
- _____. (1931). “O avô e o neto”. *Tico-tico: Jornal das crianças*, n.º 1329, Rio de Janeiro, 25 de março, p. 23. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1931_01329.pdf (Sociedade Anônima “O Malho”).
- _____. (1926). “Mar Portuguez”. *Leitura para todos – Revista mensal ilustrada*, n.º 83, Rio de Janeiro, junho, pp. 22-26. Em: http://memoria.bn.br/pdf/348074/per348074_1926_00083.pdf (Sociedade Anônima “O Malho”).
- _____. (1926). “Meditações do Avô e Brinquedos do Neto”. *Thesouro da Juventude*. Datado por Luiz Fagundes Duarte de c. 1926. Reproduzido em *Digital Edition of Fernando Pessoa. Projects and Publications*. Disponível em: http://www.pessoadigital.pt/de/pub/Pessoa_O-Livro-da-Poesia
- _____. (1922). “Mar Portuguez”. *Contemporanea*, vol. 2, n.º 4, Lisboa, pp. 11-14. Disponível em linha, na Hemeroteca Digital de Portugal: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>
- SARAIVA, Arnaldo (2016). “Entrevista com Arnaldo Saraiva”. Realizada por Lilian Maria Barbosa Ferrari e Joelma Santana Siqueira”. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, vol. 16, n.º 2, julho-dezembro, pp. 335-339.
- _____. (2015). *A entrada de Fernando Pessoa no Brasil*. Porto: [Orgal Impressores]. Design: João Machado. Coleção folhetos, 1.
- SOARES, Álvaro Teixeira (1935). “Um poeta e um romancista”. *Diário de Notícias*, n.º 2.523, Rio de Janeiro, 10 de março, pp. 17-23. “Suplemento”. Disponível na Hemeroteca Digital do Brasil: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/diario-noticias/093718>
- _____. (1934). “A mulher contra a mulher (à margem de ‘Ann Vickers’ de Sclair Lewis)”. *Diário de Notícias*, n.º 2.296, Rio de Janeiro, 3 de junho. “Suplemento”. Disponível em linha; ver: http://memoria.bn.br/pdf/093718/per093718_1935_02523.pdf
- _____. (1934). “Camilo Pessanha visto por um escritor brasileiro”. *Diário de Lisboa*, n.º 4241, Rio de Janeiro, 5 de setembro. Disponível em: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/

- _____ (1928). “Poesia Nova Estadunidense”. *Revista Movimento Brasileiro*, nº 1, Rio de Janeiro, outubro, p.15. Em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000033232#page/10/mode/1up>
- SOUSA, João Rui de (1988) (org.) *Fotobibliografia de Fernando Pessoa*. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- XAVIER, Rodrigo. (2019). “Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 16, outono, pp. 115-148. Brown Digital Repository. Brown University Library. DOI: <https://doi.org/10.26300/k4js-tj41>

RODRIGO XAVIER é professor do Setor de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros. É doutor em Letras pela PUC-Rio, com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em Estudos Literários (2013) e pela Universidade de Chicago em Estudos Germânicos (Fulbright Visiting Scholar 2015-2016). É membro da MLA (Modern Language Association), tendo especial interesse de investigação em crítica textual e nas relações entre a literatura e outras áreas, com enfoque na poesia e no teatro português.

RODRIGO XAVIER is a professor of Portuguese Literature in the Department of Vernacular Letters at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), and a researcher of the Jorge de Sena Chair of Luso-Afro-Brazilian Studies. He holds a Ph.D. in Literature from PUC-Rio, with postdoctoral internships in Literary Studies at the Federal Fluminense University (2013) and in Germanic Studies at the University of Chicago (Fulbright Visiting Scholar 2015-2016). He is a member of the Modern Language Association (MLA), having a special research interest in textual criticism and in the relationships between literature and other fields of knowledge, with special focus on Portuguese poetry and drama.